

O ESTÁGIO CONTINUADO E A (RE)CONSTRUÇÃO DO FAZER PEDAGÓGICO

Antonio Carlos Castrogiovanni

Universidade Federal do Rio grande do Sul e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Brasil.

1. Ensino, Geografia e Comunicação.

A Comunicação já pode ser apontada como um símbolo do século XXI (Castrogiovanni, 2004). É importante o professor ter mais clareza sobre o que é a comunicação e como podemos nos comunicar. A tecnologia cria um leque de sedução. Por um lado, promete beneficiar/acelerar o processo da Comunicação, por outro, a utilização desta (moderna!) Comunicação, que é confundida por muitos como a própria globalização, fomenta uma cultura de favorecimento na posição social que o sujeito ocupa. A tecnologia comunicacional pode/deve fazer parte do fazer escolar, mas sem nunca esquecermos que é o professor o melhor veículo de comunicação que deve existir no processo pedagógico. Por outro lado, para qualquer proposta de práticas prazerosas no fazer escolar, deve haver o entendimento por parte do professor, inicialmente, do que é Geografia e porque o saber geográfico deve compor o currículo escolar. Somos o que somos pela nossa história, portanto, toda a ciência é o que é, pela sua história. Os fazeres escolares também possuem a sua história, não isoladamente, mas fazendo parte do todo na sua complexidade (Castrogiovanni, 2007). Convém lembrarmos que a Geografia, ao longo da sua trajetória, foi se desvincilhando da filosofia, da arte, da literatura, da emoção, da imaginação e se aproximando da objetividade do método de pensar científico (Santos, 1996; Haesbaert, 2002). Quem sabe não é chegada a hora de retomarmos esta história? As bases epistemológicas da Geografia foram pontuais e descontínuas. É possível afirmarmos que a Geografia, enquanto ciência, nasceu na Grécia, com os filósofos Eratóstenes (276-194 a.C.) e Estrabón (60 a.C. - 20 d.C.). Foram eles que atribuíram o termo Geografia à ciência. Para os gregos ela tinha um enfoque holístico (*holon* = todo), ou seja, de totalidade, plenitude. Segundo essa leitura, o todo possui propriedades que não existem nos seus elementos. O todo é mais que a soma das partes, já dizia Aristóteles. Será? Morin (2000a) colabora com nossa inquietude dizendo que só podemos conhecer as partes se conhecermos o todo em que se situam, e só conhecemos o todo se conhecermos as partes que o compõem, assim nos encaminhamos para a Complexidade de um mundo que dificilmente o conheçamos, mas que deve fazer parte das preocupações do fazer escolar geográfico (Castrogiovanni, 2007).

Não esqueçamos que o mundo, como o conhecemos e o experienciamos, isto é, o mundo representado e não o mundo em si mesmo é constituído através de processos de Comunicação. Todo o lugar que é parte do todo – o espaço geográfico, por exemplo, ao mesmo tempo, que é um mundo, faz parte do todo - do mundo que conhecemos. Assim, a Escola lugar também é um(a) (parte do) espaço geográfico constituído, também pela Comunicação. A Educação é um fenômeno comunicacional, faz parte do mundo representado e tem sofrido influências, com a ampliação das redes conectivas. As redes, no mesmo tempo em que propagam as singularidades, valorizando/desvalorizam o(s) lugar(es), rompem o laço do seu isolamento e, com isso, favorecem/despertam os sujeitos envolvidos, para uma troca cultural mais intensa. A situação é

incentivada por um padrão cultural, navegado pelo sistema de comunicação, que fomenta a globalização de valores e costumes. Este padrão cria a idéia totalizante ou idéia sistemática do que é, para os sujeitos, o prazer/felicidade do/no mundo atual. Neste sentido, temos feito alguns questionamentos, sobre o lugar sobre o qual pesquisamos – a Escola. Será que o sistema de Comunicação tem trabalhado com imagens e nominalismos que substanciam a Escola como lugar de prazer e felicidade, ou não? Prazer/felicidade para quais sujeitos? Como estão preparados os nossos alunos de estágio para *trabalharem* nestes lugares - Escola? O tempo do estágio é suficiente para propiciar oportunidade de prazer e felicidade ou não? São questões que constantemente nos fazemos.

Retomando ainda o entendimento do pensamento geográfico para entendermos a Geografia Escolar (será que existe outra?) temos o pensamento de Claval (2002) dizendo que as duas grandes concepções da Geografia que existiram entre o século XVIII e o período pós Segunda Grande Guerra (séc. XX) se preocupavam; a primeira com o papel do espaço no funcionamento dos grupos humanos (funcionalista-reducionista) e a outra, insistia na relação natureza e sociedade (mecanicista). No entanto, embora elas diferenciavam em muito, estavam alicerçadas em um pressuposto comum: o da existência de realidades globais, fossem elas a natureza ou a sociedade. As suas ambições consistiam em desenvolver propostas aceitáveis nestas escalas e em participar, desta maneira, dos acontecimentos úteis aos homens. As mudanças que ocorrem no século XVIII estão relacionadas ao período do advento da Razão, do rompimento com a metafísica. É um mundo onde é priorizada a ordem, regulada por leis, como resultado dos princípios do Iluminismo e do Positivismo, no contexto das ciências. O espaço geográfico é visto como: um espaço absoluto e bidimensional vinculado à Física Clássica, à maneira de Newton. Havia uma premência na busca de recursos a serem empregados pela sociedade industrial, além do conhecimento sistematizado de diferentes áreas do mundo em que pudesse ocorrer a expansão do capitalismo, como, por exemplo, a solidificação do colonialismo africano. A Geografia contribuía com a expansão do capitalismo industrial.

É inegável, que tais posturas trouxeram avanços à Geografia (Claval, 2002; Haesbaert, 2002, Castrogiovanni, 2008; Moraes, 1989), no entanto, hoje, percebemos que a “nossa razão que parecia o meio mais seguro de conhecimento, descobre em si uma sombra cega” (Morin 2000a, p.16), pois sabemos que nenhum olhar pode ser isento, nenhuma prática pode ser destituída de intenção, portanto, de reflexão e emoção! Como afirma Milton Santos, “[...] sem emoção não se produz nada, sobretudo no campo da inteligência” (1994a, p.17). Como ser estagiário sem emoção? Como ter emoção sem possuir tempo para apropriação de processo emocional? Como se apropriar do processo emocional, sendo somente racional, conservador e reproduzidor? Tais questões fazem parte das nossas vivências enquanto professor de Prática de Ensino.

Nesta linha temos também refletido: quanto nós perdemos ou deixamos de conhecer, por não termos duvidado do racional? Ou, ainda, com a insuficiência (lógica) da realidade e a insuficiência (real) da lógica? A riqueza é a complexidade da realidade e do pensamento que ultrapassam a lógica embora a contenham, transgridem-na, respeitando-a (Morin, 2002d). A busca da verdade parece estar doravante ligada à investigação constante sobre a possibilidade da verdade. Será que escola sabe disso ou não? Como trabalharmos com os alunos essas questões, embora saibamos que os conceitos devam ser repensados em cada momento histórico da Geografia? São outras inquietudes.

2. A Experiência do estágio.

Avaliar significa buscar a compreensão não-mutilante ou manipulatória do real. Isso evidencia incertezas, ambigüidades, paradoxos, ou mesmo contradições (relações ao mesmo tempo logicamente complementares e antagônicas entre termos ou enunciados), portanto, parece ser impossível alcançarmos a totalidade da compreensão ou a concretude da complexidade que se encerra no mundo sem duvidarmos da própria certeza da dúvida. A escola parece necessitar trabalhar mais com as dúvidas do que com as verdades postas nos manuais didáticos. Esta foi uma das constantes preocupações em nossa pesquisa: trazer e instigar a dúvida no cotidiano das propostas de estágio.

É importante ter presente que embora o pensamento positivista tenha predominado na concepção da Geografia, dita moderna, e mais remotamente o Iluminismo, não podemos esquecer que a expansão do Capitalismo foi/é conflituosa, gerou/gera desigualdades sociais, dominações e tensões entre o exercício dos poderes, portanto, constrói diferentemente o espaço geográfico. Estas diferenciações possibilitam singulares interpretações sociais, a exemplo do Marxismo e do Anarquismo. Há movimentos por outra ordem, por exemplo, a Revolução Russa do início do século XX. Assim, surgem outras formas de *concepções geográficas* preocupadas com os problemas sociais emergentes. Eis uma das riquezas conflitantes de que o professor de Geografia não pode abrir mão: a complexidade na formação do espaço geográfico. O professor deve constantemente estar questionando e duvidando dos seus questionamentos, na tentativa de fazer entender(se) o/no espaço. O lugar escola, como já pontuamos, é um subespaço deste complexo espaço geográfico, portanto encerra complexidade na sua existência. Esse lugar cada vez mais deve refletir sobre a luz da complexidade e duvidar da simplificação.

O lugar guarda em si o movimento da vida, enquanto dimensão do espaço-tempo, passado e presente, portanto, a comunicação do/sobre o lugar tende a trazer em si referências nominalísticas (Castrogiovanni, 2008). A escola necessita ser o lugar de trocas, de dúvidas, da compreensão do silêncio e não apenas o ponto de encontro. Para Santos (1996, p. 77), o lugar “[...] se define como um ponto, onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar”. O Lugar é produto das relações humanas, portanto da dialogicidade entre os sujeitos, entre os elementos da natureza e entre os sujeitos e os elementos da natureza. O lugar existe por ser, ao mesmo tempo próprio e, a sua maneira, mundo (Castrogiovanni, 2008). Há uma (re)descoberta do lugar pela Geografia, mas não parece haver pela escola.

Trabalhamos com os estagiários que cada lugar escola é único, específico, mas mundializado nas suas “atitudes” e “aparências”. Questionamos: os professores, lêem de que forma estes específicos lugares? Como compreender a Geografia Escolar se o Espaço Geográfico Escola parece não ser entendido enquanto lugar? Esta é mais uma das nossas inquietudes e que discutimos com os nossos alunos de estágio.

Hoje o mundo se encontra em todos os lugares. Portanto, para falar da globalização, basta falar do lugar. Como diz Souza (1995, p. 65), “[...] todos os lugares são virtualmente mundiais”. Mesmo mundializado o lugar, graças a sua individualidade, tem em si uma autoprodução e uma auto-organização. O autor (Santos, 1994b, p. 35) observa que, o “lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas possibilidades deste último”. Ele é uma *parte* que faz parte do *todo*,

não é o todo, mas, pela sua densidade e interatividade social, cada vez mais desempenha um papel na história do *todo*, por isso, representa, muitas vezes, mais que o todo. A observação do autor nos autoriza a pensar que a menor agitação no lugar pode sacudir o Mundo ou vice-versa, pois o lugar, que é um todo, faz parte do todo que é o Mundo, assim como a parte representa o todo. O lugar é um conjunto de possibilidades frente ao Mundo.

Santos (1996, p. 251) lembra que a nossa relação com o mundo mudou, porque o vemos por inteiro (todo); através dos satélites, temos uma imagem da Terra inteira. O lugar (parte), nesta imagem, pode ser visto como o intermédio entre o Mundo e o sujeito. A partir do que diz Morin (2000a), no Princípio Hologramático, hoje, cada um de nós, parece ser um ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém.

Temos nos perguntado se a produção imaterial (valor social) da escola pelos sujeitos, não seria, também, causa e consequência da produção material do lugar escola enquanto possibilidade de conteúdo informacional e ideológico capitalisticamente comercializado? Por que o lugar escola ainda é visto de forma tão tradicional e conservador mesmo por muitos alunos jovens? (Castrogiovanni, 2007).

3. Nossa Pesquisa – muitas dúvidas.

Parece ser o conhecimento que possibilita uma visão de mundo diferente da tradicional. O processo é ligado à busca da verdade, mas esta não é algo isolado da incerteza. Para que ocorra uma *educação* significativa, deve haver a construção tradutora do que está sendo conhecido e, para tanto, deve existir o conhecimento e a dúvida. O sujeito necessita compreender como as organizações, os sistemas, produzem/criam, num contexto (complexo!) espaço-tempo, as qualidades fundamentais do Espaço Geográfico. Para tal processo parece ser necessária uma maturação institucional. Assim temos perguntado como um aluno estagiário pode inserir-se neste contexto para que ocorra uma formação significativa em apenas um semestre de trabalho?

Esta pesquisa teve como objetivos avaliar a necessidade do Estágio Continuado no Ensino Fundamental e Médio. Aplicar a teorização oferecida por tendências contemporâneas de educação. Desenvolver metodologias de ensino que contemplassem as novas tecnologias educacionais e favorecessem a autonomia na aprendizagem. Envolver estagiários de cursos de Licenciaturas em Geografia da UFRGS e da PUCRS, ambas em Porto Alegre. O trabalho foi desenvolvido em quatro turmas de 8ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública federal. Trabalhamos com uma Pesquisa Qualitativa, sem desprezarmos o número enquanto um recurso secundário. Um dos caminhos utilizados para apropriação dos diálogos existentes entre alunos e professores foi o da Entrevista Semi Padronizada. Durante as entrevistas foram mencionados diferentes tópicos, cada um deles introduzido por uma questão aberta confrontativa. As técnicas empregadas foram as entrevistas semi-estruturadas; observações dos encontros com fichas de acompanhamento; reuniões com os alunos estagiários e/ou alunos da escola para discussões das propostas pedagógicas e para a (re)construção de novas propostas. A pergunta que serviu de mote para a nossa reflexão-ação-reflexão foi: “o que é uma boa aula de Geografia considerando o mundo globalizado, no qual a comunicação tem participação fundamental na construção do Espaço Geográfico Escola? Esta pergunta nos leva a outras tantas, entre elas: é possível existirem boas aulas de Geografia frente às redes comunicacionais que se

estabelecem na/fora da escola ou não? Entendemos que as verdades são muitas e provisórias e que a busca de dúvidas deva estar sempre presente no processo que construímos. Assim procuramos valorizar inclusive as dúvidas que surgiam do nosso próprio processo enquanto professores investigadores que somos. Queríamos transformar os nossos encontros (aulas) em momentos prazerosos. Cada aula deveria ser um *evento* (Santos, 1996).

Os estagiários ficaram com a mesma turma durante um ano letivo acompanhando todo o processo pedagógico, freqüentando reuniões e convivendo com os demais professores na/da Escola. O desafio era: cada encontro deve ser diferente, deve sempre ser uma surpresa aos alunos. Ficou latente a satisfação dos alunos e dos estagiários nesta proposta de participação.

4. Adeus ao Iluminismo...Viva a Sabedoria Geográfica no Fazer Escolar!

Esta satisfação, em nossa concepção, está muito arraigada à proposta de vivermos a decadência da postura iluminista da racionalidade que por si mesma ignora a irreverência no transgredir e, assim, admitir a (des)ordem/nova ordem pedagógica como algo desafiante e emocionante. Parece ser necessário concebermos uma realidade complexa feita de um coquetel sempre mutante de ordem, desordem e organização. Precisamos conceber que há possibilidade de metamorfose ou será que não há? Na (des)ordem o ser humano também é demens, faber, mithologicus, economicus e ludens, prosaico e poético, natural e metanatural...é sujeito!

Para tanto, também parece ser necessário ao professor/educador ter clareza quanto à diferença entre informação, conhecimento e sabedoria. Estamos na sociedade da informação, mas a informação não é conhecimento, pois conhecimento é o resultado das informações organizadas (Morin, 2003). Temos observado em nossas experiências enquanto professor de Práticas de Ensino que muitos dos profissionais da Educação Geográfica lidam com informações. Esta atitude em nossa leitura torna os momentos pedagógicos desinteressantes, pois não encaminham para a construção de sentido. É fácil constatar que há uma degradação do conhecimento pela informação, como consequência há um desfazer da arte de viver no/pelo conhecimento em busca da sabedoria. Todo fazer pedagógico deveria ser planejado através de sabedorias, ou seja, buscando integrar, incorporar, relacionar conhecimento à vida cotidiana (Morin, 2003), traduzindo o sentido do estar no mundo e sentir o prazer de fazer parte do espaço geográfico escola.

Tomando o tema cidade como exemplo poderíamos trabalhá-lo a partir de três leituras epistemológicas distintas: enquanto informação, conhecimento ou sabedoria. Cabe ao professor na sua visão de mundo escolher àquela situação que melhor possa contribuir para a formação do sujeito geográfico.

O trabalho enquanto informação partiria, por exemplo, destes questionamentos: Qual é o conceito de cidade no Brasil? Quais são os problemas que a cheia do rio causa à população ribeirinha?

Já o trabalho enquanto conhecimento poderia ter como ponto de partida estes questionamentos: é possível a construção de uma cidade sem alterações na natureza ou não? Por quê? Ou ainda: A

culpa dos problemas que surgem ao encher o rio é da natureza ou da sociedade capitalista? Por quê?

Mas se quisermos trabalhar com o arcabouço teórico da Geografia enquanto sabedoria teríamos que trazer, como por exemplo, os seguintes encaminhamentos para a reflexão e construção de soluções: observando a ocupação do nosso bairro, proponha duas ações para amenizar os impactos antrópicos sobre a natureza. Pensando na situação atual do rio que banha a nossa cidade e da vida que levam as pessoas que residem nas suas margens, construa um plano de transferência destas famílias e da reconstituição das áreas junto às margens. Empregue as seguintes reflexões: o que fazer? Por que fazer? Como fazer? Quem será envolvido? Em qual tempo (curto, médio ou longo)?

Com isto queremos alertar a nós professores quanto uma leitura constantemente atenta do cotidiano, possibilita trilharmos numa Geografia mais sábia, quem sabe mais prazerosa e que possibilite a formação de brasileiros com posturas mais éticas e de justiça social.

Com relação ao estágio proposto para todo o ano letivo, os resultados foram surpreendentes. O movimento pedagógico acabou sendo uma constante *pesquisa-ação*. Os depoimentos de alunos e de professores estagiários favoreceram a proposta e nos incentivam a continuar realizando esta experiência também no Ensino Médio. O desafio é constante, a vida é múltipla nos seus (des)confortos, mesmo em nosso trabalho. É necessário sabermos ousar, sabermos viver pedagogicamente com sabedoria.

Referências Bibliográficas

Castrogiovanni, Antonio Carlos et. Al (2003): Um globo em suas mãos – práticas para a sala de aula: UFRGS, Porto Alegre.

Castrogiovanni, Antonio Carlos (2004): A Geografia *do* Espaço Turístico, como Construção Complexa da Comunicação-Tese (Doutorado): Faculdade de Comunicação – PUCRS, Porto Alegre.

Castrogiovanni, Antonio Carlos (2007): Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade, em Castrogiovanni, Antonio Carlos, Rego Nelson e Kaercher, Nestor André. Geografia – práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Artemed, Porto Alegre, 35-48.

Castrogiovanni, Antonio Carlos (2008): Ensino de geografia – práticas e textualizações no cotidiano. 7. ed: Contexto, Porto Alegre.

Claval, Paul (2002). A Geografia Cultural. Curso ministrado na UFRGS, Departamento de Geografia - Programa de Pós-Graduação. Porto Alegre: 29 a 31 de outubro (Texto mimeografado).

Haesbaert, Rogério (2002): Territórios alternativos. Contexto/UFF, São Paulo.

Moraes, Antônio Carlos R (1989): A gênese da geografia moderna. Hucitec-Edusp, São Paulo.

Morin, Edgar (2000a): “Da Necessidade de Um pensamento Complexo”. em Martins Francisco M. & Silva, Juremir M. da (org.). Para Navegar no Século XX. Sulina/Edipucrs, Porto Alegre.

Morin, Edgar & Le Moigne, Jean-Louis (2000b). A inteligência da complexidade. Petrópolis, São Paulo.

Morin, Edgar (2000c): A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

_____ (2000d): O Método 1 - a natureza da natureza. Sulina, Porto Alegre.

_____ (2003): “A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação)”. em Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS – Nº20 (Abr 2003). EDIPUCRS, Porto Alegre;

Santos, Milton (1994a): “Tendências da Urbanização Brasileira no Fim do Século XX” em Carlos, Ana F. A (org.) Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano. USP, São Paulo.

_____ (1994b): Razão global, razão local. Os espaços da racionalidade. Festival Internacional de La geographie, St.-Dié des Vosges.

_____ (1996): A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Hucitec, São Paulo.

Santos, Milton (1986): Souza, M. A. de (org.). O Espaço Interdisciplinar. Nobel, São Paulo.

Souza, Maria Adélia de (1995): Razão global/razão local clandestina/razão migrante, reflexões sobre a cidadania e o migrante: relendo (sempre homenageando) Milton Santos. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre, n. 20, p.64-65.